

Professor Intelectual Silvério Fontes: 100 anos de Memória, legado e saberes que moldaram gerações

*João Mouzart de Oliveira Junior**
*Ana Carolina Fontes Mendes***

Resumo

A partir de diários, cadernos de notas, correspondências, entrevistas e do seu acervo bibliográfico, este texto investiga a trajetória do professor José Silvério Leite Fontes, tentando compreender como ele articulou memória, rigor e responsabilidade pública na produção e difusão do saber. Sua Educação Comprometida combinava método, ética e sensibilidade, revelando que formar pessoas é também cultivar modos de ler o mundo com atenção, delicadeza e profundidade. Assim, Silvério estruturou uma prática historiográfica atenta à preservação, à crítica documental e à materialidade dos registros, fortalecendo os caminhos pelos quais a História se escreve e se legitima. No campo jurídico, ampliou interfaces entre Direito, cidadania e Direitos Humanos, conferindo densidade crítica às reflexões sobre justiça e vida social.

Palavras-chave: Ensino; direito; história; Silvério Leite Fontes



* Doutor no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da BahiaUFBA.Doutorando em Antropologia Social- USP. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Didática e Metodologia do ensino Superior e Em Gestão escolar com ênfase em Pedagogia empresarial pela Faculdade São Luís de França. Graduado em Pedagogia, História e Arqueologia. Professor Visitante no PROARQ/UFS. Email: joaomouzart@usp.br

** Mestra no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Sergipe-UFS. Ex- Bolsista FAPITEC-SE. Mestra em Direitos Humanos, Multiculturalismo e Desenvolvimento - Universidad Pablo de Olavide (2016). Especialista em Direito Público pela Faculdade Maurício de Nassau. Advogada. Professora.

Professor Silvério
Fontes: 100 years of
memory, legacy, and
knowledge that shaped
generations.

Profesor Silvério Fontes:
100 años de memoria,
legado y conocimiento
que formaron
generaciones.

Abstract

Based on diaries, notebooks, correspondence, interviews, and his bibliographic collection, this text investigates the trajectory of Professor José Silvério Leite Fontes, attempting to understand how he articulated memory, rigor, and public responsibility in the production and dissemination of knowledge. His Committed Education combined method, ethics, and sensitivity, revealing that educating people is also about cultivating ways of reading the world with attention, delicacy, and depth. Thus, Silvério structured a historiographical practice attentive to preservation, documentary criticism, and the materiality of records, strengthening the paths through which History is written and legitimized. In the legal field, he broadened the interfaces between Law, citizenship, and Human Rights, conferring critical density to reflections on justice and social life.

Keywords: Education; law; history; Silvério Leite Fontes

Resumen

A partir de diarios, cuadernos, correspondencia, entrevistas y su colección bibliográfica, este texto investiga la trayectoria del profesor José Silvério Leite Fontes, buscando comprender cómo articuló la memoria, el rigor y la responsabilidad pública en la producción y difusión del conocimiento. Su Educación Comprometida combinó método, ética y sensibilidad, revelando que educar también implica cultivar maneras de leer el mundo con atención, delicadeza y profundidad. Así, Silvério estructuró una práctica historiográfica atenta a la preservación, la crítica documental y la materialidad de los registros, fortaleciendo los caminos a través de los cuales se escribe y legitima la Historia. En el ámbito jurídico, amplió las interfaces entre el Derecho, la ciudadanía y los Derechos Humanos, aportando densidad crítica a las reflexiones sobre la justicia y la vida social.

Palabras clave: Educación; derecho; historia; Silvério Leite Fontes



“Conviver com Silvério Fontes foi testemunhar a força de um educador que ultrapassou fronteiras. É um professor Intelectual. O compromisso dele com a educação não se limitava às paredes da sala de aula: estendia-se às igrejas, às praças, às bibliotecas e a cada canto onde houvesse espaço para o diálogo e o conhecimento. Eu me recordo do orgulho que ele sentia em ver sua atuação reconhecida em Sergipe e no Nordeste, onde sua palavra ganhava respeito e onde suas ideias ajudaram a formar tantas consciências críticas. No Brasil, seu trabalho se tornou referência para quem acredita que educar é também transformar a sociedade. A nossa casa, sempre aberta, era um ponto de encontro de pessoas vindas de longe para aprender, refletir e partilhar conhecimento. Meu amor, não foi apenas um pesquisador, foi um expoente para a educação [...] suas práticas eternizaram os conhecimentos educacionais no ensino superior” (Fontes, E., 2017).

Esta investigação parte das memórias sensíveis de Elze Fontes, esposa do professor e intelectual José Silvério Fontes, para evidenciar a trajetória de vida e a contribuição marcante desse educador sergipano. A proposta é mergulhar nas tramas afetivas, institucionais e pedagógicas que moldaram sua atuação como formador de consciências e transformador de realidades. Como destaca sua companheira “Silvério não apenas ensinava, ele provocava pensamento, incentivava o debate e mobilizava conhecimentos em diferentes espaços sociais” e acrescenta, “[...] sua presença e atuação deixaram marcas profundas na formação do pensamento jurídico e historiográfico de Sergipe, além de consolidar instituições que hoje exercem protagonismo na educação e na vida pública brasileira” (Fontes, E., 2017).

Ao tomar como ponto de partida essas reminiscências íntimas, abrimos um campo de investigação que transcende o indivíduo e nos convida a compreender como os saberes se constroem em diálogo com o tempo, com a comunidade e com o compromisso ético de transformar a sociedade. Assim, entre o final do século XX e o início do XXI, José Silvério Fontes tornou-se figura essencial na construção de uma educação superior pública, crítica e comprometida com os desafios do país.

Ao desempenhar simultaneamente os papéis de professor, pesquisador e humanista, Silvério Fontes não apenas desafiou as fronteiras do saber acadêmico, mas também se consolidou como uma referência fundamental para a construção de uma Pedagogia comprometida com a democracia, os direitos sociais e a valorização dos saberes tanto locais quanto globais. Sua prática foi profundamente marcada pela ideia de “Educação Comprometida”, conceito que não só refletia sua visão acadêmica, mas também sua vivência e suas ações práticas nos diversos espaços que frequentou.

Silvério afirmou, em sua nota, que: “uma Educação Comprometida é, antes de tudo, uma revolução para todos aqueles que se encontram no âmbito educacional. No meu caso, sendo professor e intelectual que transita entre diversos espaços, posso afirmar que a História sempre foi um universo essencial, pois amplia as possibilidades de leitura social, política e jurídica nas quais me proponho a me envolver” (Fontes, J. 1978, p.1).

Essas palavras ressoam o espírito de sua atuação, que não se restringia ao ensino tradicional da época. Sua prática educacional sempre foi uma convocação à ação, uma chamada para a transformação dos sujeitos e da sociedade, aliando o conhecimento acadêmico à sua aplicabilidade prática no mundo real. Para Silvério, a educação não é o único meio de instrução, mas uma ferramenta poderosa de revolução social que começava no ato de ensinar, de compartilhar e de questionar. Em outras notas destacou que:

“A preocupação com ensino e ao mesmo tempo a organização dos espaços como os arquivos foram questões importantes para que a História não fique jogada ao leu”... “ a História, antes de tudo, necessita ser escrita com fontes preservadas por aqueles que estão comprometidos e sua interpretação são realizadas na intimidade daqueles que carregam a sensibilidade de não deixar tais registros se perderem ao longo do tempo” (Fontes, J. 1961, p.3).

Desta forma, celebrar o centenário do professor e intelectual sergipano Silvério Fontes, vai além de reconhecer o valor da longevidade



de sua vida, trata-se de honrar a amplitude e a profundidade de um legado educativo que transcende gerações. Sua trajetória se insere em um contexto histórico marcado por processos de modernização, reformas universitárias, movimentos sociais e políticas públicas que, ao mesmo tempo, moldaram sua prática pedagógica e ampliou as possibilidades de leitura de mundo. Reconhecer a magnitude de seu trabalho exige mais do que uma simples análise de sua trajetória pessoal, requer um entendimento profundo dos saberes que ele produziu nas áreas da: História, Direito e Filosofia, áreas que, através de suas reflexões, foram capazes de questionar fronteiras entre teoria, prática, tradição, inovação, ciência e experiências cotidianas.

Nas linhas de Darnton (1984) o historiador, ao evidenciar elementos do cotidiano e manifestações aparentemente banais, pode revelar estruturas de poder, conflitos de classe e modos de significação coletiva, constituindo marcos para a consolidação de uma leitura crítica e plural sobre os fenômenos sociais contemporâneos. Ao mesmo tempo destaca a perspectiva interdisciplinar, adotada pelo professor Silvério Fontes, que em sua escrita também tentou articular História, Antropologia, Sociologia, Direito, estudos culturais e literários, propondo uma análise das práticas culturais até então consideradas marginais na historiografia.

Sua singularidade reside na maneira como suas ideias se cruzam com os processos históricos e sociais de seu tempo. Sua atuação como educador foi uma constante reflexão sobre a função da educação na transformação social, evidenciando uma prática comprometida com a dignidade humana. Ao refletir sobre suas contribuições, é interessante notar como as trajetórias individuais de intelectuais frequentemente ultrapassam o âmbito pessoal, abrindo portas para novas narrativas que ressoam na história coletiva. Assim, ao olhar a educação de uma perspectiva histórica, social e política, esta reflexão proporciona revelar as maneiras pelas quais o professor e pesquisador Silvério construiu e disseminou conhecimentos que desafiaram os limites rígidos dos currículos formais e colaborou para a mudança das práticas do ensino superior brasileiro.

Seu legado educativo não é unidimensional, mas um território plural de saberes que se interconectam e se potencializam mutua-



mente. Com isso, este movimento analítico tem como desafio a busca e interpretação de indícios documentais (documentos pessoais, livros, notas e jornais) que revela aspectos que podem se tornarem visíveis e fundamentais para evidenciar sua contribuição. Através do método indiciário, proposto por Carlo Ginzburg (1987;1989), procuramos reconstruir fragmentos de um passado que nem sempre está à vista, mas que é essencial para entender o desenvolvimento da educação superior no Brasil.

Em nossa investigação, além da revisão bibliográfica sobre temas como educação, trajetória de vida, intelectualidade e atividade política, o diário pessoal de Silvério Fontes e as anotações de sua mãe, Iracema Fontes, desempenham um papel crucial. Esses registros íntimos oferecem uma visão diversificada sobre sua vida e obra, possibilitando uma compreensão mais profunda do homem por trás do educador. A pesquisa também se alicerçou em entrevistas com familiares, especialmente com Elze Fontes, que compartilharam lembranças que contextualizam suas práticas humanizadoras.

É importante destacar que o estudo das trajetórias de professores e intelectuais atuantes nas primeiras décadas do século XX, especialmente em Sergipe, é um campo ainda em expansão. Embora existam alguns pioneiros, como Jackson Figueiredo, Felte Bezerra e Maria Thetis Nunes, a pesquisa acadêmica sobre a história da educação no estado ainda se encontra em seu processo de consolidação (Souza, 2006; Dantas & Nunes, 2009; Oliveira Junior & Mendes, 2017). Isso justifica a delimitação desta pesquisa, que visa contribuir para a historiografia sergipana, ressaltando a importância de Silvério Fontes tanto como um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Sergipe, quanto como intelectual, cuja obra dialogou com diversos campos dos saberes da época.

Ademais, além de sua atuação institucional, sua participação no projeto educativo do bispo Dom Luciano Cabral Duarte reforça seu protagonismo no desenvolvimento do ensino superior público em Sergipe. Este estudo, portanto, não apenas apresenta a trajetória de Silvério Fontes, mas também oferece uma visão panorâmica do campo educacional sergipano no século XX, permitindo conhecer melhor as intencionalidades da criação/atuação das instituições,



suas práticas pedagógicas e os saberes que formaram um projeto educacional em constante tensão e transformação, com repercussões no cenário educacional e social do Estado.

Ritos, Letras e Saberes: Trajetórias de vida e formativas de José Silvério Leite Fontes

Meu primogenito (sic) José Silvério Fontes no mesmo bairro de Sto. Antonio. baptizou-se (sic) em 06 de abril de 1926 servindo de padrinhos deste João Junqueira Leite tendo passado a procuração ao dr. Garcia Rosa e Celuta Fontes; e de apresentar Maria Faustina”. (Fontes, L., 1926, p.10).¹

O trecho apresentado encontra-se no caderno de notas escrito por Iracema Leite Fontes, no ano de 1923, onde buscou recuperar e registrar os marcos importantes de sua vida. Os seus relatos escritos trazem um pouco do mundo de José Silvério Fontes, que estão relacionados com a sua própria história. Antes de analisá-los, apresentamos algumas informações sobre sua mãe.

Nasceu no final do século XIX, especificamente em 28 de abril de 1899, na Rua Maruim, na cidade de Aracaju, assistida por uma parteira. Filha de Rosetina Junqueira Leite (Dona lazineira) e José Correia Junqueira Leite, era carinhosamente chamada de Belinha, um apelido utilizado pela família e amigos próximos. Posteriormente, precisou se deslocar para o interior de Sergipe, a fim de acompanhá-la, no exercício laboral da docência, nos municípios de Siriri e Vila Nova (atualmente Neópolis)².

No entre séculos algumas mudanças já se desenhavam, pois foi um processo que correspondeu à sinergia do crescimento da instrução pública, a presença de mulheres no magistério e os deslocamentos para o interior revelavam novas dinâmicas sociais em curso.

¹ Fonte concedida à pesquisadora Ana Carolina Fontes Figueiredo Mendes e ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior, 2017. O material se encontra na posse de Elze da Silveira Fontes.

² FONTES, Iracema Leite. *Caderno de Notas*. 1923, p.8



O exercício da docência por mulheres, como nos municípios supracitados, era ao mesmo tempo uma possibilidade de inserção social e um reflexo das limitações impostas pelo regime patriarcal e pelas desigualdades regionais. Esses relatos não são apenas memórias familiares, são testemunhos inseridos em um momento histórico marcado pela tensão entre permanências oligárquicas e promessas de modernidade, um tempo em que o Brasil rural e o Brasil urbano se enfrentavam, e Sergipe participava dessa lenta transformação.

Belinha precisou retornar à cidade de Aracaju em 1913, com o intuito de realizar seu letramento, passando a residir no centro da cidade, na casa das tias, que moravam na Rua Arauá. Contudo, não se adaptou, pois suas tias eram evangélicas e a proibiam de expressar sua fé católica³. As fontes só fornecem mais informações sobre ela após seis anos, quando, em seu caderno de notas, registra seu casamento, ocorrido no dia 20 de julho de 1922, com o farmacêutico Silvério Fontes. Descreve que a cerimônia aconteceu “às 5 horas e tantas da tarde, no bairro Santo Antônio”. Como testemunhas do casamento civil, compareceram o poeta sergipano Garcia Rosa, que era seu vizinho, e sua amiga Dhalia Moura. Também participaram da cerimônia como padrinhos seu tio Benício Fontes e a senhorinha⁴ Dinorah Mariot Fortes⁵.

Nesse sentido, o primeiro quartel do século XX, vivenciado pela família Fontes, insere-se em um período de profundas tensões e transições no Brasil republicano. No plano nacional, a República Velha vivia uma crise de legitimidade marcada por disputas entre oligarquias regionais, instabilidade política e o crescimento de movimentos militares de contestação, como os primeiros levantes tenentistas⁶. A política do café com leite começava a ser questionada por jovens oficiais e setores urbanos emergentes, enquanto nas cidades crescia a

³ FONTES, Iracema Leite. *Caderno de Notas*. 1923, p.8

⁴ Expressão utilizada, no primeiro quartel do século XX, para designar uma mulher solteira e jovem.

⁵ FONTES, Iracema Leite. *Caderno de Notas*. 1923, p.8

⁶ DANTAS, José Ibarê Costa. *O Tenentismo em Sergipe* (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930). 1. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974; 2. ed. Aracaju: J. Andrade/Funcaju, 1999; 3. ed. Aracaju: Seduc, 2022



organização de trabalhadores e se intensificava o debate sobre modernização e identidade nacional, nas linhas de Holanda (1936).

Em Sergipe, essas transformações chegavam de forma mais incipiente, mas não estavam ausentes. O Estado seguia dominado por estruturas coronelistas, baseadas em redes de poder local, controle clientelista e uma economia ainda fortemente agrária. Especificamente, o ano de 1923 representa um marco importante na transição política, social e cultural do Brasil da Primeira República. Embora o país ainda estivesse sob o domínio da chamada Política dos Governadores, uma aliança entre as elites regionais sustentada pelo pacto entre os estados mais poderosos, especialmente São Paulo e Minas Gerais. Os sinais de desgaste do modelo oligárquico já eram evidentes. Momento em que o presidente Artur Bernardes, recém-eleito em meio a acusações de fraude, enfrentava forte resistência de setores militares e civis.

A insatisfação com a concentração de poder, a repressão política e a exclusão das camadas populares alimentavam o surgimento de novos movimentos, que começava a se articular como força contestatória. O cenário era de instabilidade e eferescência, greves urbanas, repressão a opositores, censura à imprensa e um crescente clamor por reformas políticas e sociais. Paralelamente, o campo cultural brasileiro vivia os desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922, que havia inaugurado um novo paradigma estético e intelectual. Artistas, escritores e pensadores buscavam redefinir o Brasil, questionando os modelos europeus e propondo uma identidade nacional baseada na diversidade cultural, étnica e regional⁷.

Embora esse movimento estivesse concentrado nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, suas ideias começava a circular pelos estados, alcançando professores, intelectuais e membros da elite letrada locais e nacionais. Em suma, o Estado mantinha uma estrutura socioeconômica essencialmente agrária, com forte presença do coronelismo, domínio político de famílias tradicionais e fragilidade das instituições republicanas. As eleições eram controladas por pactos locais e a administração pública era

⁷ AMARAL, Aracy. *As artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Perspectiva, 1979; REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 1993; TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1986.

marcada pelo clientelismo. Ainda assim, a década de 1920 foi também um período de diferentes mudanças nas esferas sociais locais.

No interm desses acontecimentos, Silvério Fontes e Belinha casaram no religioso, o padrinho foi o Coronel José da Silva Ribeiro e a sua esposa e o Dr. Aristides Fontes⁸ e sua esposa. Ressaltamos que a fonte não deixa claro quem foram os padrinhos do noivo e da noiva, apenas cita os seus nomes no ato do ritual. Quase três anos depois, Iracema ficou grávida e concebeu seu primogênito, José Silvério Leite Fontes, que nasceu em 6 de abril de 1925⁹ às 11 horas e 10 minutos, em uma segunda feira, no bairro Santo Antônio, em Aracaju-SE. Batizado no dia de seu aniversário de um ano, na igreja do Santo Antônio, os padrinhos foram o Senhor João Junqueira Leite, que passou a procuração ao Dr.^oGarcia Rosa e Celuta Fontes, além de Maria Faustino como madrinha de apresentação¹⁰.

Nesse contexto, de forma carinhosa sua mãe narra o seu desenvolvimento físico:

Foi visto o seu primeiro dentinho no dia 28 de dezembro (por mamãe) tendo ele (sic) 8 meses (sic) e dias. E em 1926 aos 5 de julho as 18 horas, deu os primeiros passos e ahi (sic) continuou a caminhar. Em 19 de setembro deste mesmo anno (sic), aparou o cabelinho, pela primeira vez, se prestando com a melhor boa

⁸ Aristides Fontes nasceu em 26 de março de 1881, em Aracaju, Sergipe, filho de Aristides da Silveira Fontes e Margarida da Silveira Fontes. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 14 de dezembro de 1904, defendeu a tese “Das fobias”, refletindo as inquietações científicas da época. Ao longo de sua trajetória, Aristides não se limitou à medicina; ele também desempenhou papéis significativos na política e na educação de Sergipe. Foi deputado estadual em duas legislaturas, de 1906 a 1907 e de 1910 a 1911, tendo uma atuação relevante nos debates e nas decisões políticas de seu estado. No campo educacional, foi professor e diretor do Colégio Atheneu de 1916 a 1920, período em que sua influência formou gerações de estudantes. Na área médica, atuou no Hospital Santa Isabel, em Aracaju, entre 1906 e 1908, e também no Serviço de Verificação de Óbitos, atividade de grande importância para a saúde pública da época. Aristides Fontes faleceu em 29 de dezembro de 1954, aos 73 anos, deixando um legado nas áreas da medicina, educação e política. Seu sepultamento ocorreu no Cemitério Santa Isabel, em Aracaju, onde sua memória continua a ser reconhecida como uma das figuras centrais na história de Sergipe. O diagnóstico do professor Silvério Fontes foi dado por este profissional.

⁹ Atualmente foram encontrados dois registros de nascimento um de 1924 e outro de 1925. Sendo o correto o de 1925. O de 1924 foi tirado para que facilitasse sua inserção no ensino superior.

¹⁰ FONTES, Iracema Leite. *Caderno de Notas*. 1923,p.10



vontade e quietude que casou admiração. A muda do seu primeiro dentinho foi aos 2 de março de 1930, tendo 4 annos (sic) e 11 mezes (sic), (Fontes, l.,1923, p.11).

As informações acima possibilitam conhecer um pouco da infância de José Silvério Leite Fontes, e trazem à tona as percepções de sua mãe, que teve a sensibilidade de registrar e documentar as fases iniciais de sua vida. Com isso, detalha e expressa o amor que tinha pelo seu filho. Durante a infância, Silvério conviveu com seus pais e com dois irmãos mais novos, Cândida Maria Leite Fontes e Jorge Henrique Leite Fontes. Mais tarde, passou a conviver também com sua irmã por parte de pai, Celuta Fontes, e com seu primo Amando Fontes, que morou por um tempo com a família. Este último foi um importante interlocutor das ideias fomentadas na época.

Em 13 de abril de 1931, aos seis anos, sob os cuidados da avó materna, Dona lazinha, iniciou-se o percurso da formação educacional de José Silvério Fontes, cuja responsável dedicou especial atenção ao seu processo de alfabetização e aprendizagem. No ano seguinte, em 1932, foi encaminhado para uma professora particular escolhida pela família para dar continuidade à sua formação: Dona Evangelina Azevedo (Fontes, l., 1923). Nesse período, sua mãe ressalta que o filho enfrentava problemas graves de saúde; mesmo assim, “continua com admiráveis progressos” (Fontes, l., 1923, p. 12). Além disso, buscou orientá-lo e educá-lo no caminho da fé que professava, integrando-o à religião católica. A seguir, transcreve-se trecho do seu diário:

Em 06 de Abril de 1932, fez a primeira comunhão, com o padre Gervasio, na igreja St^o. Antônio, sendo a missa encenada e cantada, e celebrada em ação de graças, sendo distribuídas sete boas esmoladas, número de sua idade. Tendo esse sacerdote convidado-o p^a (sic) frequentar as aulas de catecismo. Ele deu inicio a esta no dia 1^o de março do mesmo ano (Fontes, l., 1923, p.12).

A primeira comunhão de José Silvério Fontes, realizada em 6 de abril de 1932 na igreja de Santo Antônio, exemplifica a função cen-

tral da Igreja Católica no processo de socialização e formação no Brasil das primeiras décadas do século XX. O caráter ritualizado da cerimônia, evidenciado pela missa cantada e encenada, bem como pela simbólica distribuição das sete esmolas, correspondentes à idade do celebrante, reflete as práticas religiosas como instrumentos de integração comunitária e reforço dos laços sociais. Além disso, o ingresso precoce de Silvério nas aulas de catecismo, orientado pelo padre Gervásio, sinaliza a importância atribuída à educação religiosa formal como veículo para a transmissão de valores morais e normativos.

Tal instrução atuava não apenas na formação espiritual, mas também na consolidação da disciplina social, inserindo o indivíduo nos padrões esperados pela igreja e pela sociedade local. Esse episódio contribui para a compreensão da infância e juventude de Silvério dentro de uma estrutura de educação moral e religiosa típica do Nordeste brasileiro na época, destacando como os ritos religiosos serviam de ponto de articulação entre o indivíduo e a coletividade, reforçando a ordem social vigente.

Outra informação que aparece nas lembranças presente no caderno de Iracema, é quando ele e sua irmã Cândida Maria Leite Fontes, receberam de presente de sua avó materna Lazineira um piano, no qual José Silvério “amava passar o dia inteiro tocando e teve como professor de música na época o vizinho José Lins de Carvalho” (Fontes, L., 1923, p. 13).

Dando continuidade ao processo de aprendizagem iniciado na infância, observa-se que a formação de José Silvério Fontes articulava diferentes dimensões educativas: desde a alfabetização formal conduzida no ambiente doméstico, passando pela instrução religiosa, até o envolvimento precoce com a música. Esses elementos, ao se entrelaçarem, contribuíram para a ampliação de seu repertório simbólico e expressivo, favorecendo o desenvolvimento de uma sensibilidade artística e intelectual desde os primeiros anos de vida. Como resultado dessa ferveção cultural aos sete anos produziu cinco contos literários. Iracema demonstra que esses cinco contos foram escritos de forma “espontânea e com a pureza de sua inocência que é um lírio” (Fontes, L., 1923, p. 13).



Em fevereiro de 1933, aos sete anos de idade, ingressou no Colégio Tobias Barreto, uma das instituições mais respeitadas de Aracaju naquele período. Localizado no centro da capital sergipana, o colégio estava sob a direção do professor José de Alencar Cardoso e integrava o sistema de ensino militarizado, comum no Brasil nas décadas iniciais do século XX. Naquele momento, “foi aluno de Briolanja Brandão, mulher de personalidade forte, temida por todos”¹¹. Sua mãe retrata que seu filho “logo se tornou o queridinho da professora devido ao seu bom comportamento e ao capricho”¹².

Interessante frisar que esse modelo educacional, alinhado aos ideais de civismo, disciplina e ordem, refletia uma conjuntura nacional marcada pelas profundas transformações sociais e políticas no período pós-Revolução de 1930. Mais do que um espaço destinado à instrução formal, o Colégio Tobias Barreto era concebido como um local de formação moral e intelectual, pautado por práticas pedagógicas influenciadas pelo pensamento positivista e pelos valores republicanos em voga. A sua inserção nesse espaço educacional possibilitou o contato e orientações de professores como: “Arthur Fortes, Abdias Bezerra, Garcia Moreno, Francisco Tavares Bragança, entre outros que colaboraram para o desenvolvimento da educação em Sergipe. Sendo Arthur Fortes, aquele que mais o influenciou para campo da historiografia”.¹³

Anos mais tarde, ao rememorar esse período formativo, publicou o artigo “O Mestre e o Discípulo”, no jornal *Gazeta de Sergipe*, texto posteriormente incluído no livro *Coluna de Jornal*. Nele, destaca a influência marcante do professor Arthur Fortes em sua trajetória intelectual. Com sensível leveza, reflete sobre o tempo passado, afirmando tratar-se de “memórias de criança refratadas pela mente de um adulto cinquentão”¹⁴. Dessa forma destacou que:

¹¹ Essas lembranças fazem parte da esposa do professor José Silvério. FONTES, Elze da Silveira. Entrevista Concedida aos pesquisadores Ana Carolina Fontes Figueiredo Mendes e a João Mouzart de Oliveira Junior. Aracaju 14 de jun.2017.

¹² FONTES, Iracema Leite. **Caderno de Notas**. 1923

¹³ FONTES, Elze da Silveira. Entrevista Concedida aos pesquisadores Ana Carolina Fontes Figueiredo Mendes e a João Mouzart de Oliveira Junior. Aracaju 14 de jun.2017.

¹⁴ FONTES, José Silvério. O mestre e o discípulo, 1981. In: FONTES, José Silvério (org.). **Coluna de Jornal**. 1.ed, Aracaju/SE: FUNDESC, 1985. p.105-106.



O professor deixou, em meu passado, marcas indeleveis. Em suas aulas, aprendi a amar a história dos homens. Ele sabia contá-la. Com a voz forte e sonora. Com os gestos largos. Com o colorido da narrativa, que nos fazia espectadores e quase participantes dos acontecimentos. Com a habilidade de narrar, segundo certas perspectivas filosófico-políticas, que desejava transmitir a seus alunos, sem o perceberem, como verdadeiro mestre de História. Éramos meninos. Não tínhamos o sentido do abstrato. Mas o sorviamos na concretude das exposições do Mestre (Fontes, J. 1981/1985, p. 105).

274

No seu processo formativo, Silvério não conseguiu subir de posto na escala militar dentro do ambiente escolar, permanecendo apenas com a patente de cabo. Ao concluir o curso primário, em 1934, ingressou no ensino ginásial do Colégio Tobias Barreto no ano seguinte, com menos de dez anos de idade. Após cinco anos de formação, encerrou essa etapa em 1939, aos 14 anos incompletos. Na transição da infância para a juventude, enfrentou dificuldades de saúde, sendo assistido pelo pai, que era farmacêutico. No entanto, “foi seu primo, Doutor Walter Cardoso, quem identificou a doença da diabetes em Silvério e acompanhou seu tratamento ao longo de sua adolescência” (Fontes, E., 2017).

Em seguida, iniciou o primeiro ano complementar no Colégio Atheneu Sergipense, tradicional instituição de ensino da capital. Dentro dessas perspectivas, elucida que poderiam ter sido seu mestre, nomes, como Abdias Bezerra, José Augusto da Rocha Lima e Garcia Moreno e Arthur Fortes, “aqueles que promoveram com sua palavra e seu ensinamento mudanças fundamentais em minha vida”¹⁵.

Em 1941 se deslocou para estudar o segundo ano complementar na Bahia, onde teve o primeiro mestre, Herbert Parentes Fortes, que o descreve como:

¹⁵ FONTES, José Silvério. Dois mestres, 1981. In: FONTES, José Silvério (org.). *Coluna de Jornal*. 1.ed, Aracaju/SE: FUNDESC, 1985. p.102-104.

[...] Professor de Sociologia e de História da Filosofia. Com o favor da idade, pude apreender os valores que ele apontava com veemência e com uma dramaticidade ímpar, pois Herbert não apenas falava, mas representava a lição, espontaneamente, como o afloramento da profunda vivência de seu espírito. [...] Continuei a amar a História, mas agora alçada a novas dimensões, com o auxílio da Sociologia e da Filosofia. Herbert não era um didata arrumado. Suas lições não obedeciam a programa rígido. Dos gregos, saltava para Bergson, Kant ou Descartes. De Montesquieu, saltava para Comte, Durkheim ou Pareto. Integralista, abominava o marxismo e denunciava o capitalismo internacional. Devo-lhe também os pródomos de minha consciência nacionalista e meu respeito pela tradição, pois ainda quando vim a compreender a necessidade da tensão revolucionária para purificar as coisas humanas, nunca entendi(sic) a revolução como inimiga da tradição, mas como meio de renová-la e vitalizá-la, abrindo-a para o futuro. Guardarei sempre em minha retina e em meu coração a imagem de Herbert, eu, que fui seu admirador mudo, pois a timidez sempre me impediu de dirigir-lhe a palavra.

O depoimento sobre o professor Herbert evidencia que seus ensinamentos provocaram uma mudança do pensamento de seu discípulo, passando de uma concepção tradicional para o progressista/libertado. Nesse compasso enxergou a revolução não como destruição da tradição, mas como uma renovação, uma ideia que remete à visão de História como um processo de tensão criativa, entre a permanência e a mudança¹⁶. Em relação a prática de seu mestre destaca que era alheia à rigidez dos programas, criticava o marxismo e o capitalismo internacional, inscreve-se num campo ideológico nacionalista, típico do pensamento integralista, que moldou parte significativa das elites intelectuais do período, articulada em um processo contínuo do repensar da formação e identidade.

¹⁶ FONTES, José Silvério. Dois mestres, 1981. In: FONTES, José Silvério (org.). *Coluna de Jornal*. 1.ed, Aracaju/SE: FUNDESC, 1985. p.102-104

Um ano depois, com 17 anos, prestou vestibular e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade da Bahia. Nesse momento teve o segundo mestre, Hélio José Ribeiro, exemplo admirável de intelectual que articulava seus ensinamentos entre o campo da teoria e da prática, desta forma “[...] mostrava a necessidade de sermos fortes. Imbuído (sic) do valor inestimável da pessoa humana e de seus direitos, ensinava, porém, que a verdadeira vida da pessoa se realiza por sua sincera e voluntária integração na comunidade”¹⁷.

Concluiu o curso em 1946. Sua mãe Iracema, registra o momento de sua formatura, descrevendo a sua presença e de seus filhos nesse momento celebrativo. Observemos como ela retrata essa passagem especial: “Formou-se em Bacharel em 1946, a cuja formatura fui assistir com meus filhos Cândida Maria e Jorge Henrique e graças ao bom Deus, passamos dias muito felizes. Formou-se, por tanto, aos 22 anos incompletos” (Fontes, l., 1923, p.16).

276



Na sua chegada em Aracaju, retrata que houve um grande almoço, com muita festa e alegria dos parentes e dos numerosos amigos (Fontes, l., 1923). Neste mesmo dia, foi convidado por 2 partidos políticos, para deputado Estadual aos “quaes respondeu que a Igreja precisava dele fora da política, para defender os seus direitos” (Fontes, l., 1923, p.16). E segue relatando que “fêz parte integrante da” Liga Católica” ocupando diferentes cargos e trabalhou com afinco enfrentando faca e revolver em companhia de seus companheiros, que faziam parte de um “Grupo de Ação Social” criando por ele (Fontes l., 1923, p.16).

Com isso, apresentamos alguns fragmentos da sua história de vida articulado com as memórias relatadas por sua mãe presente em seu caderno de nota. O que demonstrou como se deram as suas experiências tanto no âmbito familiar como educacional, assim, o seu processo de formação esteve articulado com as estratégias construídas pelos seus entes queridos.

Portanto, no primeiro e no segundo quartel do século XX, o cenário educacional brasileiro passou por profundas transformações, impulsionado por reformas que buscavam alinhar a escola aos projetos

¹⁷ FONTES, José Silvério. Dois mestres, 1981. In: FONTES, José Silvério (org.). *Coluna de Jornal*. 1.ed, Aracaju/SE: FUNDESC, 1985. p.102-104

de modernização do Estado. Em 1931, a Reforma Francisco Campos inaugurou um novo modelo de organização do ensino, centralizado, hierarquizado e fortemente influenciado pelos ideais do Estado Novo. Já em 1942, a Reforma conduzida por Gustavo Capanema consolidou diretrizes voltadas à formação técnica e ao fortalecimento do ensino secundário, reforçando a função da escola como instrumento de formação do trabalhador e do cidadão ideal para o regime. Essas reformas, inseridas em contextos políticos distintos, revelam como a educação foi mobilizada como ferramenta estratégica para a construção de um projeto nacional.

Silvério Fontes casou-se em 1954 com Elze da Silveira Fontes. Conheceram-se na Escola Normal e se apaixonaram, encontravam-se, naquele momento, na condição de aluna e ele de professor, posteriormente afluíram-se os vínculos afetivos. Sua mãe em suas anotações destaca, sobre este acontecimento, que:

Em 1954, disposou (sic) a Senhorita Elze Freire Silveira aos 5 de fevereiro as 6 e /2 da manhã na missa do casamento da Cathedral (sic) em uma primeira sexta-feira e logo após, seguiram para o Rio de Janeiro, aonde (sic) passaram a lua de mel (Fontes, L., 1923, p.95).

Sobre esse dia, Elze Fontes (2017) relata que, por ser envergonhado, Silvério decidiu antecipar o horário da celebração de seu casamento, na tentativa de evitar a presença de um grande número de pessoas durante a cerimônia. No entanto, acabou escolhendo inadvertidamente uma data em que a participação popular era ainda mais expressiva, tratava-se da primeira sexta-feira do mês, ocasião em que, tradicionalmente, os fiéis não deixavam de comparecer à igreja. Sua esposa ressalta esse detalhe com certo tom de alegria, destacando a coincidência como um momento especial, marcado pela presença da comunidade e pela emoção que envolveu a celebração.

No dia que festejaram um ano de casados e na mesma hora, as 6 e /2 nasceu seu primogenito Luiz Carlos da Silveira Fontes, que batisou-se (sic) em 14 de fevereiro do mesmo dia com nove dias de nascido. [...] Foram



padrinho meu filho Jorge Henrique e a tia materna Edinice Silveira, sendo apresentando, pela outra tia materna Edjane (Fontes, l., 1923, p.95).

Do matrimônio resultaram oito filhos, dos quais sete sobreviveram: Luiz Carlos da Silveira Fontes (1955), Maria Ângela da Silveira Fontes (1956), Paulo Henrique da Silveira Fontes (1957), Ana Letícia da Silveira Fontes (1958), Rosa Myriam da Silveira Fontes (1960), Hélio José da Silveira Fontes (1963) e Mônica Maria da Silveira Fontes (1967). A perda gestacional de um dos filhos integra, também, o conjunto de experiências que marcaram a vida familiar no período.

Sua rede de intelectuais era composta por personalidades como: Orlando Gomes, grande expoente do Direito civil no Brasil, no qual disseminou os saberes dos professores Franceses Planiol, Durand, dos alemães Dernburg, Larenz, Von Tuhr, Enneccerus, Kipp, Wolf, Barasi e Trabucchi; destaca-se outros juristas como Aloysio de Carvalho Filho, especialista em Direito Penal que dialogado com o pensamento do jurista sergipano Tobias Barreto, defendia ideias liberais, como o voto feminino, o divórcio e o ensino leigo, sendo pioneiro no âmbito do Direito e Literatura no primeiro e segundo quartel do século XX. Também estabeleceu conexão com o Dr. João Américo Garcez Fróes que contribuiu e influenciou seu pensamento. João foi um médico, professor e escritor brasileiro, pioneiro ao ministrar a primeira aula de radiologia no Brasil, na Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1903 e fazia a intersecção entre Direito, medicina e cultura, sendo membro fundador da Academia de Letras da Bahia. Além dos diálogos trocados com o Dr. Lafayette Pondé sobre a formação das acadêmicas de letras jurídicas no Brasil, especificamente, demarcando o lugar do Nordeste. Em uma nota de 1963, sintetiza que essas redes:

[...] foram crucias para ampliar as possibilidades de atuação e ao mesmo tempo de contribuir tanto na esfera jurídica quanto na esfera política. A minha contribuição sempre foi no campo do pensamento e na prática de estimular meus alunos para um pensamen-

to crítico da situação do país. Fiquei longe da política mesmo com os vários convites que tive ao longo da minha vida, porém o diálogo sempre foi o marco nas minhas relações profissionais e de amizades (Fontes, 1963, p.1)

Por outro lado, estabeleceu conexões com Ibarê Dantas, João Oliva, Beatriz Cóis Dantas, Thetis Nunes, Manoel Cabral, Jorge Montalvão, Fernando Nunes, Wellington Mangueira, Monsenhor Luciano Cabral Duarte, Stefânio de farias Alves, José Amado e José Ajuricaba que foi condecorado no dia 12 de agosto de 1991, em Brasília, com a ordem do mérito jurídico, no grau de comendador, outorgada pelo Tribunal Superior do Trabalho pelos altos e relevantes serviços prestados ao Direito do trabalho. Além dessa comenda, foram também agraciados com a Grã-Cruz do Tribunal Superior do Trabalho os embaixadores do México, China e Cuba; os ministros Marcílio Marques Moreira da fazenda, João Santana da infra-estrutura, o governador Leonel Brizola, do Rio de Janeiro e o Governador do Maranhão.

Foi lembrado na ocasião, o discutido artigo escrito pelo professor- Silvério na revista da LTR, abordando o tema “O Jus Postulandi e o Direito do Trabalho”, bastante citado pelos advogados, juízes e ministros dos tribunais Superiores quando encaram esse tema. A solenidade foi prestigiada pelo presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Marcelo Laverene, oportunidade em que enalteceu a figura do professor Silvério fontes, principalmente pela grande contribuição dada à corporação dos advogados, quando presidente da OAB por dois biênios, e conselheiro federal por quatro anos. (Jornal da Manhã, 1991, p.5).

Dessa forma, a homenagem recebida pelo professor Silvério simboliza o reconhecimento de sua produção intelectual, mas também a amplitude de sua presença no cenário jurídico e cultural brasileiro. Ao transitar entre a docência, a advocacia e a vida institucional, consolidou-se como referência de integridade profissional e de contribuição efetiva ao fortalecimento das instituições democrá-



ticas. Sua trajetória evidencia a capacidade de articular saberes e práticas em diferentes esferas, deixando um legado que ultrapassa o âmbito local e projeta sua atuação para além das fronteiras sergipanas.

Histórias no Espelho, Reflexos no Tempo: um universo no andar de cima

O segundo andar da casa, logo após a curva suave da escada de madeira escura, revelava-se um espaço que não era apenas físico, mas nas memórias de sua esposa, tratava-se de um lugar simbólico. Em suas palavras, a biblioteca do professor Silvério ocupava uma sala ampla, arejada por janelas altas que permitiam à luz da manhã banhar delicadamente as estantes. Ao adentrar aquele recinto, cuja porta permanecia quase sempre entreaberta, o convidado se via transportado para um universo silencioso, onde o tempo parecia desacelerar em respeito à densidade da memória ali contida.

A esquerda, após subir os degraus que rangiam levemente sob os pés, os olhos encontravam fileiras e mais fileiras de livros, volumes encadernados em couro, brochuras envelhecidas, coleções inteiras de periódicos históricos, enciclopédias desbotadas e primeiras edições anotadas à margem. Ali, estavam reunidos 3.425 livros, formando não apenas um acervo, mas um gesto de dedicação e vida. Os títulos, organizados por áreas de conhecimento e por línguas, formavam uma cartografia do mundo intelectual do século XX. Naquele espaço encontravam-se as grandes obras da historiografia francesa, alemã, russa e espanhol, os clássicos do pensamento marxista, as traduções da Escola dos Annales, os debates latino-americanos sobre dependência, cultura e política, além de volumes raros da literatura sergipana, cuidadosamente preservados, mas que foi desfeita gradativamente, após a sua morte.

O mobiliário era discreto, uma escrivaninha ampla, ladeada por duas cadeiras de madeira firme, uma poltrona de leitura próxima à janela e um abajur antigo de luz amarela. No centro um espaço amplo que acolhia os passos cautelosos dos que ali ingressavam. As



portas, em madeira, davam ao espaço um calor quase monástico. O cheiro era inconfundível, uma mistura terrosa de papel antigo, madeira e café passado pela manhã. O som mais comum naquele espaço era o do virar das páginas, ritual que marcava a passagem do tempo no interior da biblioteca e a voz forte que ecoava pelo canto, prendendo a atenção de todos que estavam nesse recinto. Como destaca a sua esposa:

O mundo do meu marido Silvério Fontes, era meu mundo! que estava intrinsecamente relacionados com sua atuação no ambiente educacional, religioso, político e familiar. Era interessante que ele compartilhava todas as informações comigo, lembro ele traduzido às cartas de Léon Bloy à Raissa Maritain, também me lembro da casa cheia de alunos e amigos que vinham dialogar e beber do conhecimento em nossa biblioteca (Fontes, E., 2017).

Desta forma, as bibliotecas pessoais, como essa, cumpriram um papel fundamental na formação de intelectuais no segundo e terceiro quartel do século XX. Em um tempo anterior à digitalização massiva, ao acesso aberto e aos bancos de dados online, o livro físico era, muitas vezes, a única via de contato com o pensamento que circulava além das fronteiras locais. Possuir uma biblioteca era possuir o mundo, ou, ao menos, um mundo possível.

Nesse sentido, as bibliotecas pessoais se tornavam centros irradiadores de saberes, pontos de encontro para debates, laboratórios de ideias que se expandia para outros espaços da casa. Eram, muitas vezes, mais completas do que as bibliotecas públicas ou universitárias da região. Ao reunir obras importadas, raridades editoriais e textos fora de catálogo, esses acervos permitiam que o intelectual dialogasse, com as reflexões que moviam a produção do saber local e global.

Tais espaços se configuraram como núcleos estratégicos de produção e legitimação do saber, articulando os circuitos intelectuais de cultura, pois normalmente operavam simultaneamente para as práticas de leitura, escrita e sociabilidade. Na verdade, como obser-

va Burke (2011) as bibliotecas, como nas repúblicas epistolares do humanismo, possuíam acervos privados engendravam redes de circulação de ideias, consagravam trajetórias e ampliavam as margens do discurso autorizado.

Por isso, sua organização meticulosa seguia os moldes dos antigos intelectuais, com fichas bibliográficas escritas à mão, anotações nos cantos das páginas e referências cruzadas em cadernos, revelava um leitor sistemático, mas também generoso com as produções que se encontravam à sua disposição. Sobre esse aspecto, Elze destaca que “não gostava de emprestar livros de qualquer maneira, porém os indicava com precisão, escrevia bilhetes à mão com recomendações de leitura e perguntava, dias depois, o que se havia compreendido” (Fontes, E., 2017).

282

Desta forma, esse acesso ao universo da biblioteca era, em verdade, um acesso à sua intimidade intelectual, uma partilha do que havia de mais profundo em seu ofício. Sua esposa também enfatiza que “Os alunos, ao entrarem na sala, não apenas liam, aprendiam a ler historicamente”. Aprendiam a estabelecer relações, a desconfiar do que parecia evidente, a rastrear os silêncios tanto quanto as palavras. Era nesse espaço, que muitos compreenderam pela primeira vez, que ser historiador exigia mais do que método, exigia disposição para o diálogo com o passado e responsabilidade com o presente. Nesse movimento foi que o professor pesquisador Silvério Fontes pensou na sistematização da historiografia sergipana, compreendida a partir de um movimento cíclico de emergência, retração e renovação.

Sua proposta de uma divisão ternária, que se estende do fim do século XIX aos desdobramentos da segunda metade do século XX, nos oferece uma chave de leitura que revela não apenas os agentes e instituições que deram forma à escrita da História em Sergipe, mais que isso, deu ênfase as transformações das práticas intelectuais e das linguagens do passado ao longo do tempo (Fontes, 1972/2004). O primeiro período, situado entre a década de 1890 e o final dos anos 1920, é marcado por um “surto historiográfico”, expressão que remete à efervescência de uma produção local que, em larga medida, buscava inscrever Sergipe no concerto das províncias letradas do Brasil.

É neste momento que emergem nomes como Felisbello Freire, cuja obra se destaca não apenas pela erudição, mas por uma intenção de construir uma memória local sólida, articulada aos fatos históricos da Primeira República.

Nesse movimento, a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), em 1912, consolida esse esforço, funcionando como espaço institucional de legitimação da história e de acolhimento dos intelectuais da província. A exemplo do que ocorria em outras partes do país, o Instituto operava como uma casa da memória, ao reunir documentos, publicar pesquisas e promover sessões que reforçavam os vínculos entre História, identidade e saberes da terra.

Dessa maneira, a historiografia ampliava suas produções no âmbito qualitativo, pois havia um interesse genuíno em formular uma História totalizante, ainda que profundamente marcada por modelos positivistas e pelo culto aos “grandes homens”. As narrativas desse período tinham como horizonte a construção de uma narrativa histórica nacional desde a província, com forte ênfase nos eventos políticos e biografias de figuras ilustres. Ao identificar o “surto historiográfico” no primeiro quartel do século XX, vinculado à criação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, distingue a força simbólica da escrita histórica como instrumento de identidade nacional e local de pertencimento (Fontes, 1972/2004).

O Segundo momento, que se estende das últimas décadas do período Vargas até o final da década de 1950, é interpretado por Fontes como uma fase de refluxo e certa esterilidade criativa. Apesar da presença de nomes como Sebrão Sobrinho, Epifânio Dórea, Pe. Philadelpho Oliveira Dantas, Martins dos Reis, Felte Bezerra e José Calazans Brandão da Silva (Fontes, 1972/2004). Há, segundo o autor, nesse momento, uma contração da ambição interpretativa da historiografia sergipana. Essa geração, embora competente em suas investigações e rica em erudição documental, teria se atido excessivamente aos arquivos, fragmentando o passado em episódios isolados, em detrimento de uma preocupação mais ampla com os fundamentos teóricos e metodológicos da disciplina. O que Fontes parece apontar aqui é o risco do empirismo excessivo, em que o historiador se converte num compilador de dados, perdendo a

capacidade crítica e o compromisso interpretativo dos fenômenos analisados.

Ainda assim, vale relativizar nesse julgamento, nomes como José Calazans, por exemplo, que foi essencial para o desenvolvimento de estudos sobre o cangaço e a religiosidade popular no Nordeste, abrindo caminhos para abordagens culturais e sociais que seriam retomadas com vigor nas décadas seguintes. Nas palavras do professor pesquisador Silvério (1972/2004), Calazans ainda não tinha produzido uma obra de síntese como se esperava dele, mesmo sendo grande conhecedor das fontes históricas de Sergipe.

Após 1945, a criação histórica arrefece mais ainda, salvo os estudos esparsos de Bonifácio Fortes, Fernando Porto, Austragésilo Porto, Joel Silveira, Junot Silveira e José Silvério Leite Fontes. Com exceção dessas iniciativas escassas, reina o desalento. Há profunda descrença em Sergipe e em suas possibilidades criadoras. Para os seus filhos aparece sobretudo como uma terra de emigrantes ou de frustrados (Fontes, 1972, 2004, p.81).

Por conseguinte, salienta os limites de uma prática historiográfica excessivamente apegada ao documento, à cronologia e ao evento isolado, mas também aponta para o esforço desses autores em preservar a memória diante da ausência de uma estrutura universitária consolidada. Por outro lado, em uma anotação de 1961, presente em sua biblioteca, enfatiza outros nomes que se somava as pesquisas de cunho histórico, destacando novamente a contribuição de Felte Bezerra e Josefina Sampaio Leite¹⁸:

¹⁸ Josefina Sampaio Leite, nascida em Riachuelo, Sergipe, em 6 de agosto de 1928, pertencia a uma família tradicional da região, filha do médico Sylvio Cesar Leite e de Guiomar Sampaio Leite, cujas origens estavam associadas tanto à posse de terras quanto ao prestígio político local. A inserção em um ambiente doméstico marcado pelo acesso à cultura escrita e pela valorização da formação intelectual garantiu-lhe, desde cedo, uma trajetória educacional distinta. Frequentou instituições confessionais de referência, como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, e o Colégio Nossa Senhora das Mercês, em Salvador, antes de concluir o curso técnico em comércio, iniciado na Bahia em 1944 e finalizado dois anos mais tarde em Aracaju. Seu ingresso no ensino superior ocorreu em 1951, no curso de Geografia e História da então Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), tornando-se, em 1954, integrante do primeiro grupo de licenciadas daquela instituição. Poucos anos depois, em 1958, passou a compor o corpo docente da FCFS, inicialmente dividindo a responsabilidade pelo ensino de Antropologia com o



“Hoje estive novamente em companhia de Felte Bezerra. Sua presença, sempre marcada pela escuta atenta e pela forma paciente de dialogar, trouxe uma clareza maior ao que venho observando no campo. Felte conduz as memórias como quem abre caminhos, revelando passagens da tradição que só podem ser compreendidas por quem está disposto a permanecer em silêncio antes de falar. Ao acompanhá-lo em uma reunião fiquei sabendo que suas visitas ao terreiro eram constantes, percebi como o Xangô se manifesta não apenas nos rituais, mas na própria organização da vida cotidiana. A divisão dos espaços, o ritmo dos cantos, a força dos tambores, tudo indicava que não estávamos diante de uma representação folclórica, mas de um sistema vivo de sentido. O respeito que Felte demonstrava em cada gesto confirmava a importância de sua ligação com a comunidade, uma relação tecida não pela pressa da coleta de dados, mas pelo tempo da confiança. Era o campo de sua sucessora Josefina Sampaio Leite. Enquanto ela anotava, junto com sua aluna pensei em como a pesquisa de campo é também um exercício de observação e responsabilidade. Felte dizia: ‘o Xangô nos ensina a firmeza, mas também a justiça’, e essa frase ficou gravada em mim. Mesmo eu que não acreditava nada disso. Ao final, anotei em uma pequena folha: registrar não basta; Josefina ressaltou [...] “é preciso também corresponder ao chamado que a experiência nos faz”. “O campo não é apenas lugar de observação, é sobretudo lugar de encontro” (Fontes, J., 1961, p.1).

Finaliza dizendo que:

“De certo modo, posso afirmar que fui eu, ao lado de Josefina Sampaio Leite, quem deu continuidade à pesquisa de campo. Mantive o rigor das anotações, atento às fontes, aos documentos e às observações que exigiam precisão. Josefina, por sua vez, soube abrir

professor Felte Bezerra. A partir de 1960, com a saída de Bezerra de Aracaju, assumiu integralmente as aulas de Etnografia, consolidando sua atuação acadêmica em um momento de institucionalização das ciências humanas no estado e dando continuidade as ciências humanas e sociais.

caminhos pela escuta e pelo diálogo, criando vínculos de confiança com aqueles que nos recebiam. Se a pesquisa não se perdeu, foi porque soubemos equilibrar o método com a sensibilidade, o registro detalhado com a relação humana. Assim, demos sequência às investigações sobre o patrimônio e a história local, já ela se aprofundou nos terreiros, o Xangô, as festas e os cantos que moldam a memória do nosso lugar, região e país” (Fontes, J., 1961, p.1).

Para o período em que descreveu, tal indício se configurou como uma inovação metodológica significativa, contribuindo para o desenvolvimento do campo das Ciências Sociais e Humanas ao articular procedimentos de pesquisa rigorosos com práticas interpretativas que permitem elucidar intersecções com outros domínios do saber. Tais informações complementam as iniciativas que emergiam, naquele momento, no mundo acadêmico. Ao mesmo tempo, evidencia a contribuição da professora pesquisadora Josefina Sampaio Leite nas pesquisas de campo e como as suas orientações foram cruciais para a formação de intelectuais no campo da História e da Antropologia em Sergipe. Tais informações ampliam as possibilidades de análise adotada no circuito intelectual que se aperfeiçoava nesse cenário.

No final da década de 60 do século XX, com a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), inicia-se o terceiro ciclo da historiografia sergipana, marcado por uma reorganização institucional do campo intelectual e pela retomada da perspectiva local, antes marginalizada. A universidade passa a oferecer condições estruturais para a pesquisa, criando um espaço onde o ensino, a investigação e a formação de novos quadros poderiam coexistir e se retroalimentar. É neste contexto que Silvério Fontes identifica autores como Acrísio Tôrres Araújo e J. Pires Wynne, cuja atuação, ainda que considerada por ele pouco inovadora, representava a transição entre os modelos antigos e a nova sensibilidade historiográfica. Embora destaque o nome de Jackson da Silva Lima como um intelectual promissor, interessado em temas culturais e sociais, atento à complexidade da experiência histórica sergipana.

Em suma, sintetiza este período como sendo um contexto que carregava as complexidades:

[...] “Era desenraizado, puramente livresco e sem oportunidades de incentivo à pesquisa, devido à pobreza bibliográfica das livrarias, ao patrimônio sem renovação da Biblioteca Pública, e à falta de utilização do acervo do Instituto Histórico e Geográfico. A criação da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos, na então Faculdade Católica de Filosofia, reabriu o interesse pela pesquisa, no meio escolar, e pela problemática local. Mas a transformação foi lenta. O próprio corpo docente, inclusive o professor de Introdução, estavam deslocados da afeição e do conhecimento quanto à história do Estado. A recuperação recebeu incentivo com a criação da Universidade Federal de Sergipe, que permitiu aos professores dedicarem mais tempo ao estudo e ao ensino. A organização departamental estabeleceu maior contato e cooperação entre eles. Além disso, à margem do processo didático universitário, começa a aparecer espíritos da nova geração com outro modo de visualizar a História. É o caso de Jackson da Silva Lima, que iniciou a publicação da História da Literatura Sergipana” (Fontes, 1972, 2004, p. 83).

Em sua concepção, a UFS assume papel fundamental na continuidade e na democratização do conhecimento histórico, permitindo que os historiadores não apenas se dediquem mais integralmente à pesquisa, mas também cooperem entre si, construindo linhas de investigação com maior organicidade. Nesta fase, descrita como a virada institucional, os historiadores ganham espaço para pesquisa crítica, diálogo acadêmico e formação contínua. Essa divisão ternária, portanto, não apenas descreve a historiografia sergipana, reflete sobre suas condições de existência, suas rupturas internas e o modo como o historiador se posiciona no tempo. Essa leitura nos ajuda a compreender que o pensamento historiográfico em Sergipe não foi marginal ou secundário, mas parte ativa de um processo mais amplo de afirmação do saber histórico articulado com prática de fortalecimento intelectual e institucional.

Abrem-se, assim, novas frentes de estudo, sendo porta para reflexões da História cultural, das mentalidades, da escravização, dos trabalhadores, dos movimentos sociais, temas que passariam a disputar espaço com a tradição política-biográfica dominante. Portanto, a divisão inicialmente proposta permitiu perceber que a historiografia sergipana não se desenvolveu de forma linear ou acumulativa, mas conforme destaca em “ritmos descontínuos, atravessados por tensões que ia de uma dimensão local, à abertura para correntes nacionais e internacionais” (Oliveira Junior, 2024).

Em cada fase descrita, o papel das instituições como o IHGSE no primeiro momento, no segundo os espaços de guarda documental e a UFS no terceiro, revela como esses ambientes ampliavam a atuação do historiador, moldado pelas estruturas disponíveis, mas também por sua capacidade de transformar essas estruturas em projetos de escrita e interpretação. Reconhecer essa trajetória é essencial para compreender os desafios e potenciais da historiografia atual em Sergipe, marcada por novas agendas, novas vozes e, sobretudo, por uma preocupação em não apenas contar a história do Estado, mas também repensar os modos de narrá-la, ensiná-la e debatê-la. Esse movimento analítico constitui uma chave de leitura para entender as disputas em torno da legitimidade, do método e da função da história no contexto local e global. Afinal, o professor intelectual Silvério Fontes desenvolveu um modo de ser historiador: rigoroso, generoso e profundamente comprometido com a ideia de que o saber é sempre um bem a ser compartilhado.

Seu percurso intelectual, ao mesmo tempo profundamente enraizado nas questões locais e atento às inflexões mais amplas da historiografia contemporânea, contribuiu para forjar em sua época uma práxis historiadora, crítica e socialmente comprometida. Os desdobramentos de sua atuação, evidenciam a centralidade dos arquivos, o fortalecimento institucional da formação do historiador, a aproximação com o campo do Direito e dos Direitos Humanos, e a contínua preocupação com a cultura e a história sergipana. Assim, um dos principais eixos da sua contribuição foi a valorização dos arquivos enquanto espaços vivos da memória. Para além da noção de repositórios neutros de documentos, ele os compreendia como

arenas de disputa pela narrativa histórica, profundamente atravessadas por relações de poder. A defesa da implementação de estudos voltados aos acervos, sua organização, preservação e democratização do acesso, transformou-se em uma pauta estratégica para a qual Silvério mobilizou instituições, estudantes e pesquisadores (Fontes, J., 1972/2004).

A partir de sua atuação, Sergipe continuou inserido com mais vigor nos debates historiográficos nacionais, contribuindo para um movimento de descentralização epistemológica no qual os “lugares menores” passaram a figurar como laboratórios complexos de análise. Nesse movimento, defendia uma história feita com rigor metodológico, mas também com implicações ético-políticas, refletindo sobre o papel da História e dos espaços de salvaguarda.

Consonantemente, fazia parte de uma geração consciente da necessidade de uma formação continuada para o aperfeiçoamento do exercício das ciências humanas, sendo idealizador e incentivador de múltiplas iniciativas pedagógicas, cursos de curta e média duração, oficinas temáticas, seminários de atualização historiográfica e projetos de extensão voltados à comunidade. Essa atuação resultou não apenas na qualificação técnica, mas na criação de redes colaborativas de pesquisa e reflexão. O modelo formativo defendido partia da premissa de que o historiador não se forma apenas na academia, mas na relação concreta com os territórios, com os sujeitos históricos e com os dilemas sociais presentes na documentação.

Assim, sua prática pedagógica no campo da História integrava a pesquisa, o ensino e a extensão, numa perspectiva que antecipava os debates atuais sobre a indissociabilidade dessas dimensões na formação universitária. Outro eixo fundamental de sua contribuição foi a aproximação entre o campo da História e o do Direito, especialmente no que tange às discussões sobre os direitos humanos. Em suas intervenções defendia que a História tem papel decisivo na denúncia das violências estruturais, na visibilização dos sujeitos oprimidos e na construção de memórias capazes de fundamentar outras leituras de mundo.

Outrossim, talvez o traço mais marcante em sua atuação tenha sido sua constante preocupação com os modos de vida e com a he-

rança cultural, pois via na História uma chave interpretativa potente para compreender a formação social do povo sergipano. Para não concluir, Silvério foi um articulador de práxis que romperam fronteiras disciplinares, geográficas e políticas. Seu legado permanece vivo nas iniciativas que valorizam os arquivos, nas formações comprometidas com a produção de uma historiografia crítica e na escuta sensível das narrativas de sua terra que permanece efervescente até os dias atuais. Em suas palavras “ a história é o palco da vida, das reflexões de um mundo complexo, porém que não se pode perder a esperança na transformação de um mundo melhor” (Fontes, J. S/D).

Fontes

FONTES, Iracema Leite. **Caderno de Notas**. 1923

FONTES, José Silvério Leite. **Meditações (Diário)**. 1950.

FONTES, José Silvério. **Matricula da Faculdade de Direito da Bahia**. 1943

FONTES, José Silvério. **Correspondência**. 1959

FONTES, José Silvério Leite. Temas conceito de História. **Caderno de Notas**, S/D.

FONTES, Elze da Silveira. Entrevista Concedida aos pesquisadores Ana Carolina Fontes Figueiredo Mendes e a João Mouzart de Oliveira Junior. Aracaju 14 de jun.2017.

JORNAL DA MANHÃ. **Professor Condecorado com Ordem do Mérito Judiciário**. 1991, p.5

Referências

AMARAL, Aracy. **As artes plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A República das Letras europeia**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Avançados, n. 25, 2011.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculosXIV e XVIII**. Trad. de Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.



- CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Trad. de Marcela Mortara. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 182-199, 2006
- COUTINHO, Miriam. **O mestre: ao professor Silvério Fonte**. Poesia, 2005, p.1-2.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **José Silvério Leite Fontes, uma das mais vigorosas expressões do pensamento e das letras, em Sergipe**. Aracaju, 2008. Disponível em: <http://silveriofontes.com.br/depoimentos.html>. Acessado em 03 de jun.2017.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930)**. 1. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974; 2. ed. Aracaju: J. Andrade/Funcaju, 1999; 3. ed. Aracaju: Seduc, 2022.
- DANTAS, Beatriz Góis. & NUNES, Verônica Maria Meneses (orgs.). **Destinatário: Felte Bezerra Cartas a um antropólogo sergipano (1947-50 e 1973-85)**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FONTES, José Silvério Leite. O mestre e o discípulo, 1981. In: FONTES, José Silvério (org.). **Coluna de Jornal**. 1.ed, Aracaju/SE: FUNDESC, 1985. P.105-106.
- FONTES, José Silvério Leite. Formação do fato histórico na cultura ocidental. Aracaju: Livraria Regina Ltda, 1958. (Tese apresentada a Congregação do Atheneu Sergipense).
- FONTES, José Silvério Leite. Razão e Fé em Jackson de Figueiredo. Aracaju: EDUFS, 1998. (Tese apresentada a Congregação da Escola Normal Ruy Barbosa, Aracaju, 1952).
- FONTES, José Silvério Leite. **Pensamento Jurídico Sergipano: O Ciclo de Recife e outros ensaios**, Aracaju, Edufs,2000.
- FONTES, José Silvério Leite. O Pensamento Jurídico Sergipano. **O Ciclo de Recife**. S. Cristóvão: Editora da UFS: Fundação Oviedo Teixeira, 2003.
- FONTES, José Silvério Leite. Formação do Povo Sergipano (Ensaio de História). Organização, **Introdução e Notas de Luiz Antônio Barreto**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura/ Governo do Estado de Sergipe, 2004.
- FONTES, José Silvério Leite. **Ser Mundo e Esperança**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura- SEC, 2003.
- FONTES, José Silvério Leite. “Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe”, in **Cadernos da UFS n°1**, Aracaju, 1972



GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil Rio de Janeiro,** José Olympio, 1936.

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de; MENDES, Ana Carolina Fontes Figueiredo. No mundo de Silvério”: educação, religião e atuação política em Sergipe no século XX. **Encontro Internacional De formação de professores e fórum permanente de inovação educacional 11 (11),** 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, João mouzart de. Sabores que dançam na taça como poesia destilada a imortalidade de Tobias Barreto. **Palestra.** Ciclo Internacional “ Estética do pensamento crítico Social”, 2024.

REZENDE, Neide. **A Semana de Arte Moderna.** São Paulo: Ática, 1993;

SOUZA, Josefa Eliana. Uma compreensão a partir de referente norte-americano do “Programa de Instrução Pública” de Aureliano Candido Tavares Bastos (1861-1873). 2006. **Tese** (Doutorado em Educação) - Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1986.

